

INTERSECCIONALIDADE E IMAGOLOGIA NOS POEMAS DE GESSICA CORREIA BORGES

JOÃO PAULO DUQUE LÖBE GUIMARÃES*

Resumo: *Este artigo pretende analisar dois poemas de Gessica Correia Borges sob o prisma da Imagologia, salientando-se que é uma autora feminista, negra, sendo ela própria a «Outra» no panorama literário em língua portuguesa.*

Para o efeito, referimos a importância do poder simbólico e da dominação masculina que ainda subjuga a nossa sociedade (Bourdieu 2002; Bourdieu 1989) e que condiciona a produção literária das escritoras negras e sublinhamos a problemática das questões de sexo e de género, para a tornar mais concisa.

Em complemento teórico, consideramos fundamental abordar os conceitos de Interseccionalidade, da condição subalterna e do feminismo negro, atendendo a que se trata de uma poetisa e ativista negra que desenvolve a sua atividade neste movimento e porque estas perspetivas são essenciais para uma análise abrangente.

Por fim, apontamos alguns conceitos de Imagologia por se tratar do prisma em que a nossa abordagem vai incidir e tecemos algumas considerações finais.

Palavras-chave: *Interseccionalidade; Feminismo negro; Subalterno; Imagologia; Gessica Correia Borges.*

Abstract: *This paper aims to analyse two poems by Gessica Correia Borges from the perspective of Imagology, highlighting that she is a feminist, Black author, and is herself the «Other» in the literary panorama in Portuguese.*

To achieve this purpose, we refer to the importance of symbolic power and male domination that still subjugates our society (Bourdieu 2002; Bourdieu 1989) and which conditions the literary production of Black women writers, and we highlight the issue of sex and gender issues, to make it more concise.

As a theoretical complement, we consider it essential to address the concepts of Intersectionality, the subaltern condition, and Black feminism, given that this is a Black poet and activist who develops her activity in this movement and because these perspectives are essential for a comprehensive analysis.

Finally, we point out the most important Imagology concepts, as this is the prism through which our approach will focus, and we propose our final considerations.

Keywords: *Intersectionality; Black feminism; Subaltern; Imagology; Gessica Correia Borges.*

Gessica Correia Borges é uma jovem autora negra brasileira, estando também integrada no movimento feminista negro pelo seu ativismo político e cultural.

* Centro de Estudos em Letras/Universidade de Évora.

Atendendo a que as autoras negras ainda estão muito pouco representadas no cânone literário da língua portuguesa, consideramos pertinente abordar a sua obra e as suas representações imagológicas, dedicando especial atenção às questões interseccionais que devem estar sempre presentes nas análises sobre o feminismo negro e à subalternidade e discriminação a que as mulheres e, em especial, as negras, estão sujeitas na sociedade atual.

Esta análise imagológica não estará completa sem considerar as questões de género, sexualidade e raça. Nesse sentido, a obra da poetisa é analisada através do prisma da Imagologia literária, atendendo a que ela própria é uma «estrangeira» no campo da literatura, sendo mulher, por um lado, e negra, subalterna, por outro, o que acentua a sua marginalização. É, também, pertinente, enquadrar estas formas de expressão literária ausentes do cânone como literatura periférica ou marginal.

O PODER SIMBÓLICO E A DOMINAÇÃO MASCULINA

O poder simbólico é um poder invisível que «só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem» (Bourdieu 1989, p. 7). É um poder quase mágico, pois permite obter o equivalente daquilo que é conseguido pela força. No entanto, só é verdadeiramente exercido se for reconhecido. Assim, é passível de ser desconstruído, como o tem sido pela ação das feministas negras.

As produções simbólicas estão relacionadas com os interesses da classe dominante e é notório que, ao longo da história, as sociedades sempre estiveram sujeitas à dominação masculina. Esta expressão de Pierre Bourdieu refere-se a um *habitus* que dá às mulheres e aos homens um papel predeterminado e diferenciado. A dominação, que é omnipresente, pode ser identificada, facilmente, na realização de atividades tradicionalmente femininas, como é o caso da cozinha, que, ao serem executadas por um homem, lhe conferem o estatuto, mais nobre, de *chef*. Esta dominação masculina é um exemplo de uma submissão paradoxal que resulta da violência simbólica, invisível às suas próprias vítimas, exercendo-se pelas vias da comunicação e do conhecimento ou, antes, do desconhecimento. A sua lógica exerce-se em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante como pelo dominado, tal como uma língua, um estilo de vida ou uma propriedade distintiva (Bourdieu 2002).

O mesmo académico argumenta que a diferença biológica entre os sexos, nomeadamente a anatómica, pode ser encarada como uma justificação natural da diferença socialmente construída entre os géneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. Para o autor, a dominação masculina manifesta-se de forma

mais indiscutível na própria unidade doméstica, mas o seu alcance propaga-se a múltiplas instâncias, tais como a Igreja, a Escola ou o Estado, pelo que considera fundamental o papel exercido pelo movimento feminista, ao entrar na esfera daquilo que é politicamente discutível, pois só uma ação política conjugada poderá contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina. Assim, acaba por justificar a ação do movimento feminista negro, que veremos adiante.

A PROBLEMÁTICA DAS QUESTÕES DE SEXO E GÉNERO

Simone de Beauvoir considera a mulher como o Outro, em oposição ao homem, que é o Sujeito, o Absoluto (Beauvoir 1970). A mulher negra é a antítese de branquitude e da masculinidade, o que impossibilita que seja vista como sujeito. Para Kilomba (Kilomba 2008), a mulher negra seria, então, o outro absoluto (Ribeiro 2015). É pertinente acrescentar que a dependência radical do sujeito masculino diante do Outro feminino expõe o caráter ilusório da sua própria autonomia (Butler 2003). Beauvoir explica-nos que a mulher se determina e se diferencia em relação ao homem, tendo esta dualidade estado presente desde as sociedades mais antigas. Procurando esclarecer as suas origens, a filósofa analisa os dados da biologia que, embora realcem alguns aspetos da condição feminina, como a maternidade, a menstruação ou a menopausa, apenas aparentemente comprovam a subordinação da função da mulher à continuidade da espécie. Também os dados psicanalíticos não explicam esta dualidade, levando a autora a criticar o modelo estabelecido por Freud, considerado redutoramente masculinizante, como se a mulher fosse um homem mutilado. A sua crítica incide, ainda, sobre o facto de a psicanálise considerar como femininas as condutas de alienação e como viris aquelas em que o sujeito afirma a sua transcendência e autonomia.

Também o materialismo histórico não escapa às críticas da autora, visto que apenas se preocupa com a economia, embora definindo três fases na história da mulher: a Idade da Pedra, em que tudo se constituía como propriedade comum e havia partilha das tarefas; a era da propriedade privada, em que o homem, vendo-se na necessidade de utilizar escravos, coloca a mulher à sua disposição; e a era do capitalismo, que impediu as mulheres de se erguerem à igualdade com o homem, apesar das possibilidades que se obtiveram com o desenvolvimento tecnológico. Assim, Simone de Beauvoir vai procurar explicação para a dualidade na própria História, verificando que, desde a Pré-História, o mundo sempre terá pertencido aos machos (Beauvoir 1970). Desse modo, toda a história das mulheres foi feita pelos homens e nunca as mulheres procuraram desempenhar um papel na História enquanto sexo.

A distinção entre sexo e género «sugere uma descontinuidade radical entre os corpos sexuados e géneros culturalmente construídos» (Butler 2003, p. 24). Mesmo admitindo a estabilidade do sexo binário, dela não decorre que a construção de «homens» ou de «mulheres» se aplique exclusivamente a corpos masculinos ou femininos e também não existem razões para considerar os géneros como sendo apenas dois. Assim, o género não deve ser concebido como uma inscrição cultural de significado num sexo previamente dado, devendo também designar o aparato de produção mediante o qual os sexos são estabelecidos. Desta constatação se pode concluir que o género é o meio discursivo e cultural «pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura» (Butler 2003, p. 25). A identidade de género é, nesse sentido, performativa.

Além disso, o sexo é uma construção ideal que é forçosamente materializada através do tempo (Butler 1993). Esta performatividade não se constitui como um ato singular ou deliberado, sendo antes uma prática citacional e reiterativa, pela qual o discurso produz os efeitos que nomeia. Considerando o género como uma construção, esta não se configura como um ato singular, nem um processo casual iniciado por um sujeito e culminando num conjunto de efeitos fixos; é, sim, uma construção que toma o seu lugar no tempo, um processo temporal que opera através da reiteração das próprias normas. Essa repetição é o que possibilita a formação do sujeito e constitui a sua condição temporal. A iterabilidade implica que a *performance* não seja um ato ou evento singular, mas sim uma produção ritualizada, um ritual reiterado por restrições, através da força da proibição e do tabu com a ameaça do ostracismo e até da morte, controlando e obrigando a forma da produção, determinando-a com total antecedência (Butler 1993, p. 95). Podemos dizer, assim, que também pode ser considerada como uma produção simbólica, no sentido que lhe atribuiu Bourdieu.

No entanto, esta visão do género considerado como uma construção foi criticada por autores como Goffman, que prefere o termo institucionalização ao termo *performance* utilizado por Butler e, também, por Hirschauer, que observa que muitas teorias construtivistas podem, de facto, explicar a contingência da diferenciação de género, mas não podem justificar a sua estabilidade histórica. Acresce que, para podermos mudar as hierarquias patriarcais, precisamos de saber porque é que elas são tão estáveis (Kotthoff e Wodak 1997).

O MOVIMENTO FEMINISTA, O FEMINISMO NEGRO E A INTERSECCIONALIDADE

A raça é considerada por grande parte dos académicos da atualidade como uma construção social, uma identidade criada segundo símbolos para estabelecer significado numa cultura ou numa sociedade (Schaefer, ed., 2008). Nesse sentido, será também uma forma de poder simbólico, como vimos anteriormente. Acresce que as diferenças invocadas para a diferenciação das raças são de uma natureza mais social do que biológica (a cor da pele, as características faciais ou a textura do cabelo). Esta diferenciação é ainda caracterizada por similaridades sociais gerais como a história partilhada, os padrões de discurso ou as tradições. No entanto, o racismo, bem como o colorismo¹, é um problema premente e causador de profundas desigualdades e atos de violência, tanto física como simbólica nas nossas sociedades, como o atestam a importância dos movimentos #blacklivesmatter, acentuados pela morte de George Floyd por ação de um polícia nos EUA no ano de 2020. Este movimento começou a ter uma composição interseccional, ao abranger *hashtags* como #BlackWomenMatter, #BlackGirlsMatter, #BlackQueerLivesMatter e #BlackTransLivesMatter.

A interseccionalidade é uma estrutura teórica que nos ajuda a compreender como os aspetos de identidade política e social de uma pessoa (género, sexo, raça, classe, sexualidade, religião, aptidões, aparência física, altura, etc.) se podem combinar para criar modos únicos de discriminação e privilégio.

Teve a sua origem nos movimentos sociais, como os movimentos nacionalistas negros e mexicanos nos EUA e no feminismo negro² na década de 80 do século XX (Collins 2017). Com o acesso à Academia de mulheres de cor que militavam nestes movimentos sociais, tornou-se uma teoria aceite pelos académicos, em geral, tendo sido a intelectual feminista afro-americana Kimberlé Crenshaw quem pela primeira vez utilizou o termo *interseccionalidade*, no artigo *Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color*, publicado na *Stanford Law Review* (Crenshaw 1991). Foi esta investigadora que defendeu a interseccionalidade como sendo uma construção de justiça social, atendendo a que as mulheres negras, em particular, seriam duplamente discriminadas, tanto pelo género como pela cor da pele. Crenshaw explica os contributos do pós-modernismo para o estabelecimento deste conceito, com a ideia de que as categorias que consideramos naturais ou meramente representacionais são, na verdade, construídas socialmente, numa economia linguística da

¹ Preconceito ou discriminação contra pessoas baseados na cor da pele, com relevância no Brasil numa tentativa de branqueamento da população (Silva 2018), bem como nos EUA.

² O movimento feminista negro ganhou protagonismo com a «segunda onda» do feminismo nos EUA entre 1960 e 1980, embora tenham existido mulheres feministas negras desde o século XIX (Ribeiro 2015; Silva 2018). Gessica Borges é umas suas ativistas mais destacadas em Portugal.

diferença (Crenshaw 2002). A autora alerta, no entanto, que afirmar que o gênero e a raça são construções sociais não é o mesmo que afirmar que não têm significado no nosso mundo, sem menosprezar que o processo de categorização é, em si mesmo, um exercício de poder.

A interseccionalidade compreende, hoje, em termos acadêmicos, um corpo de estudos vasto e interdisciplinar, incluindo os estudos feministas, onde assumiu um papel central (Collins 2017). No entanto, abrange um campo muito mais amplo. Assim, procura capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação (Crenshaw 2002). Para esse efeito, preocupa-se em determinar de que forma «o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras» (Crenshaw 2002, p. 177). As opressões de raça, gênero e classe provocam danos interseccionais, em particular nas mulheres racializadas, acentuando o seu desempoderamento. Estas podem, mesmo, ser vítimas de dupla ou tripla discriminação. Inúmeras vezes, são os estereótipos de gênero que fomentam imagens de discriminação interseccional, como o das mulheres pobres ou étnicas que têm associada a si a imagem de serem sexualmente indisciplinadas.

A subordinação interseccional exige uma análise contextual, dando conta das influências que moldam as vidas das mulheres discriminadas e, por comparação, como modelam a vida daquelas que não são marginalizadas. «Construir uma reflexão sobre a identidade mulher negra é trilhar caminhos complexos já que as heterogeneidades que circundam tal categoria compõem uma gama extensa de complexidades e diversidades» (Ribeiro 2015, p. 52). É nesse sentido que é importante a análise interseccional de forma a compreender melhor todo o espectro da discriminação a que ela está sujeita.

A complementar, sublinha-se a perspetiva da subalternidade, que constitui o sujeito colonial como o Outro, neste caso a Outra, obliterando, na sua subjetividade precária, mais uma vez nas margens e na periferia dos silenciados pela violência epistémica (Spivak 1988). Esta investigadora considera que, tanto como objeto da historiografia colonialista como sujeito de insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominância masculina, o que afasta duplamente a subalterna quando ela é uma mulher.

A IMAGOLOGIA

«A Imagologia entranha-se no território problemático da “representação”, contrapõe alteridades e identidades e, por isso mesmo, interpela-nos a ler nos interstícios das imagens» (Simões 2011, p. 10). A análise imagológica procura,

ainda, descrever estes elementos de alteridade e aproximá-los dos quadros históricos, sociais e culturais que formam o seu contexto, determinando assim o que pertence à criação da escritora. Nesse sentido, nesta análise da poesia de Gessica Correia Borges, procurámos integrar a obra da poetisa nas questões interseccionais atuais, desde o género à raça, que condicionam a sua vivência literária, mas também como ativista dos direitos da mulher negra. A escolha dos dois poemas teve como critério incluir um, em que, precisamente, a mulher preta é o tema principal. Por outro lado, o outro poema escolhido faz parte dos quatro poemas da poetisa publicados em livro até ao momento, o que sublinha as dificuldades interseccionais de afirmação das escritoras negras no campo da edição literária, para além do facto de se tratar, ainda, de uma jovem autora.

A Imagologia literária considera a imagem do estrangeiro e da Outra como uma criação literária que exprime a sensibilidade particular da autora e até do próprio público. Neste caso, também é a própria poetisa que é a Outra num universo literário cujo cânone é predominantemente masculino e de cor de pele branca³. Esta imagem de alteridade é acrescida nas mulheres negras, pois estas exercem a função de o «Outro» do Outro (Kilomba 2008). Moura desenvolveu e aprofundou o conceito da imagem sob uma tripla orientação: compreendendo a sua adequação, mais ou menos clara, à realidade; valorizando a sua natureza espectral, revelando e traduzindo o espaço ideológico e cultural no qual o autor ou a autora e o seu público se situam; e, por fim, integrando a imagem no imaginário cultural de uma sociedade, devendo ser estudada nas suas dimensões estética e social (Moura 2012). De realçar que a imagem está sempre em estreita relação com uma situação cultural historicamente determinada (Pageaux 1995). A identidade literária, cruzando questões de identidade pessoal e social, revela, em filigrana, uma dimensão estrangeira, que é uma das manifestações do Outro (Mendes 2005) sendo, no nosso caso, da Outra. O confronto com a Outra supõe uma comparação, implícita ou explícita. Importa, pois, elucidar até que ponto a apreensão da realidade estrangeira pelos autores não é direta, mas sim mediada pelas representações imaginárias do grupo ou sociedade a que pertencem. Aliás, a imagem da Outra é um potente revelador das opções e das opiniões da cultura que a olha (Pageaux 1995). O seu estudo é indissociável da história das ideias, das mentalidades e das sensibilidades.

³ A título de exemplo, até aos nossos dias, apenas houve uma mulher negra a vencer o Prémio Nobel da Literatura, num total de três pessoas negras premiadas. No Brasil, a sua presença tem sido reduzida (Zinani 2014), embora a escritora negra tenha vindo a ser mais valorizada com os eventos da FLUP (FLUP [2020]), se bem que sempre conotados com a literatura periférica.

GESSICA CORREIA BORGES

O Geledés – Instituto da Mulher Negra é uma organização política brasileira de mulheres negras que se opõem ao racismo e ao sexismo, sendo uma das maiores ONG de feminismo negro do Brasil. No seu portal, há um artigo que destaca 20 poetisas negras da atualidade, em que assume presença o nome de Gessica Correia Borges (Arraes 2017). A poetisa Gessica é apresentada como publicitária e redatora, tendo dois minicontos, quatro poemas⁴ e um ensaio publicados. A escritora e ativista tem, também, um blogue pessoal, onde publicou vários outros poemas, incluindo «Diário de um golpe» e vários contos (Borges 2017a).

Gessica Correia Borges nasceu no Grajaú, um bairro periférico na cidade de São Paulo, e «afirma que essa experiência moldou profundamente a sua trajetória pessoal» (Neves 2023). No Brasil, formou-se em Comunicação Social e, em 2017, mudou-se para Portugal, onde concluiu um mestrado em Estudos Africanos na Universidade do Porto, dedicando-se a uma pesquisa sobre memória, identidade e resistência, utilizando relatos orais de mulheres negras brasileiras. É, atualmente, doutoranda em Estudos Culturais na Universidade do Minho, focando-se nas representações de mulheres negras no cenário mediático português.

É membro do Núcleo Antirracista do Porto (NARP) e da União Negra das Artes (UNA). Além disso, integra o projeto *MigraMediaActs — Migrações, media e ativismos em língua portuguesa: descolonizar paisagens mediáticas e imaginar futuros alternativos* (CECS). Atendendo a esta militância da poetisa, justifica-se a sua integração pelo Geledés na lista das poetisas negras da atualidade, escrevendo poesias desde a infância (Neves 2023).

Convém salientar que, em Portugal, há uma retração no acesso ao ensino superior dos jovens afrodescendentes (Roldão et al. 2016), pelo que a poetisa, de nacionalidade brasileira, é, também, um exemplo de resistência à tendência regressiva nacional. Aliás, os afrodescendentes nascidos nos PALOP têm taxas de acesso ao ensino superior inferiores às dos afrodescendentes nascidos em Portugal.

A sua poesia pode ser integrada na chamada literatura das margens ou literatura periférica, mas apenas no sentido de que não faz parte do cânone literário e promove o empoderamento da mulher negra, contra os estereótipos e a discriminação a que ela é sujeita, nomeadamente ao ser hipererotizada e hipersexualizada (Padilla e Gomes 2016). A mulher brasileira, em Portugal, ainda é vista como um «corpo colonial» disponível sexualmente ao homem português, com características atribuídas desde o colonialismo histórico (Gomes 2013). A sua forma de resistência, no caso particular de Gessica Correia Borges, é a de uma

⁴ Os dois primeiros numa antologia da Editora da Tribo (Borges 2015a, p. 34; Borges 2015b, p. 72), o terceiro numa antologia de textos literários produzidos pelos participantes do curso *Eu, escritor*, realizado no Sesc Belenzinho em 2016 (Borges 2016), e o quarto em *Poetas Negras Brasileiras uma Antologia* (Borges 2021).

resistência combativa a este sistema patriarcal opressivo, justificada pela sua militância antirracista e feminista.

A literatura marginal, embora seja muito associada à literatura periférica, também pode englobar a literatura escrita pelas minorias, no caso das mulheres e das negras, em particular (Zinani 2014), ao considerar a produção que está à margem do sistema literário, que não pertence ou que se opõe ao cânone (Nascimento 2006). Foi um termo que surgiu no Brasil nos anos 60 do século XX como resposta ao impasse político gerado pelo regime militar repressivo. É uma produção de vanguarda, construída com uma linguagem muito própria da autoria de escritores e escritoras de grupos sociais marginalizados (Carneiro 2017), compreendendo as obras produzidas por autores ou autoras pertencentes a minorias sociológicas, como as mulheres, os homossexuais ou os negros e as negras.

«REVESTIMENTO» E «DIÁRIO DE UM GOLPE»

Gessica Correia Borges publicou em livro, até ao momento, quatro poemas, o primeiro que vamos analisar intitula-se «Revestimento» (Borges 2016) e tem, curiosamente, características da poesia concreta, para além de poder ser integrado numa certa literatura marginal, por sair do cânone, ser escrito por uma mulher negra e assumidamente feminista e comprometida socialmente como ativista. Assim, em «Revestimento» pode encontrar-se algum apelo visual na construção do poema em retângulos, aliás ilustrativos do tijolo que é referido várias vezes; o tema remete para a vida e prática dos membros das classes populares (Nascimento 2006), neste caso o construtor civil, pedreiro de «esforço mal remunerado», ele próprio um sujeito subalterno. Por outro lado, assume características da poesia concreta, patentes na utilização da paranomásia (sub ir, sub úrbio, submissão subversivas), assim como na utilização simultânea dos conteúdos não verbais (os retângulos).

LUTO POR UM SONHO MAL ESTRUTURADO.				
ÍNTIMA	E DA PIRÂMIDE SOCIAL	ERGUIDA SOBRE O MEU SUOR		
VOCÊS NÃO SABEM O VALOR DO TIJOLO		BAIANO OU MINEIRO	SUBINDO INTEIRO	APESAR DA CRISE
	PIA QUE NÃO ENTOPE	COZINHA QUE NÃO ABATE	LIVING THAT I DON'T WANT TO LEAVE	TUDO QUE ME DER NA TELHA, SEM TELHA PARA QUEBRAR.
VENTILAÇÃO E		SOPRO DE DIGNIDADE PARA REUNIR EM VOLTA DA MESA		OUTRORA UTOPIA.
OU CHAMEM DE LAR	CHAMEM DE TETO	CHAMEM DE PAREDES SEM RANÇO	NADAS DE RATOS, QUARTO PARTICULAR.	
ANCORADOS NA FÉ DE UMA NOVA MORADA				S I A C
NA NÉVOA DE GANAS MAL ORIENTADAS			AGORA SOMOS VERTI	C
COMO UM DIA FOI MINHA FAMÍLIA	SOB O TEMPO DILUÍDA EM BLOCOS MISCIGENADOS		NA SELVA DE PEDRA	
E VOCÊS NÃO SABEM O VALOR DE UM TIJOLO			TODOS ASSIMUNIDOS	
INTEIRO.	NÃO SOU MAIS RIJO.	VIVO SOB A SOMBRA DE UM DESCONHECIDO.	CONDENADO À	CONSTRUÇÃO PERPÉTUA.
A IDEIA DE CONQUISTA TALHA SOB O DESALENTO.			NÃO	SOU MAIS
ANOS E PLANOS E DANOS DEPOIS EU ACHO QUE JÁ NÃO MAIS ACOMPANHO A ESCALADA.				
SUB IR	SUB ÚRBIO	SUBMISSÃO SUBVERSIVA	QUE INSISTE EM NÃO	DESMORONAR.
VOCÊS	NÃO	VEEM	TUDO ANTES	DO TIJOLO SUBIR.
	NA GELADEIRA VAZIA	FURO NA BARRIGA QUE SOME	SE EU DORMIR.	
DO	ESFORÇO MAL REMUNERADO	SONO PENDURADO NO CORRIMÃO	ODORES SUBORNADOS	GOSTO PRETERIDO
	O VALOR DE UM TIJOLO.	VERTICALIZANDO SONHOS, DAS MÃOS LIMPAS DE UM SÓRDIDO ENGENHEIRO-ASSALARIADO-SEM-DIPLOMA-DE-ENSINO-FUNDAMENTAL. VOCÊS NÃO SABEM COMO É SENTI-LOS SUBINDO, SUBIN-		
	VOCÊS	NÃO	SABEM	

R E V E S T I M E N T O

Fig. 1. «Revestimento»

Fonte: Borges 2016

Este poema também se enquadra na literatura marginal, porque se refere a um personagem das margens, do subúrbio, um qualquer pedreiro ou operário da construção civil que não tem «diploma de ensino fundamental», cujo esforço é mal remunerado; ele vai trabalhar com o «sono pendurado no corrimão», uma metáfora que se refere ao facto de estes trabalhadores acordarem, habitualmente, bem cedo. É curioso que seja um personagem masculino, o que pode surpreender numa autora feminista negra. Também não sabemos se o personagem é negro ou branco, mas, em termos imagológicos, ele também é um estrangeiro e subalterno na «selva de pedra», numa urbe em construção vertical da qual ele apenas é o artífice. Gessica Correia Borges coloca-se, assim, na visão do outro, talvez num paralelo com a sua família modesta ou com a sua própria identidade de mulher e negra. O prédio em construção surge, também, em oposição à casa do personagem, que se presume viver no subúrbio de uma qualquer cidade, que podia ser o de Gessica, onde as paredes têm «ranço», não há ventilação, a pia entope e a cozinha se abate. O edifício que está a construir é quase ideal, com «um sopro de dignidade para reunir em volta da mesa», uma utopia que pertence à luta «por um sonho mal estruturado».

Em termos de linguagem, o poema apresenta alguns termos populares (ganas, ranço, tudo o que me der na telha), outro mais inclusivo (miscigenação), vários termos relacionados com a profissão do protagonista (tijolo, corrimão, construção, ventilação, etc.) e alguns que se enquadram no posicionamento político e ativista da poetisa (submissão subversiva), com grande realce no final do poema «apesar da crise/ íntima/ e da pirâmide social/ erguida sobre o meu suor/ luto por um sonho mal estruturado». Destacamos, ainda, um verso em inglês «living that I don't want to leave», o que dá um carácter internacional à luta da poetisa. É interessante, também, o trocadilho ou calembur no verso «tudo que me der na telha, sem telha para quebrar», em que a mesma palavra é repetida com significados diferentes.

Como já referimos, a utilização das paranomásias, característica da poesia concreta, associada à repetição da palavra tijolo e do verso «vocês não sabem o valor de um tijolo» criam o ritmo da poesia, acentuado pela linguagem metafórica, embora, por vezes, estereotipada («selva de pedra»), mas, outras vezes, mais profunda («como um dia foi minha família/ diluída em blocos miscigenados»). Esta última tem uma clara intertextualidade com as características de miscigenação que existem no Brasil, mas também em Portugal e reafirmam a linguagem inclusiva da poetisa e ativista. É um poema que revela a realidade atual do Brasil do subúrbio, da periferia, subalterno, pobre e discriminado, do qual a própria poetisa vem.

O poema «Diário de um golpe», que esteve disponível no blogue pessoal da autora (Borges 2017a) e agora no *Internet Archive* (Borges 2017b), foi publicado numa antologia (Borges 2021) e tem características poéticas mais clássicas, com versos livres, mas com rima, embora muito variável (cruzada, semi-interpolada), o que lhe confere o ritmo e a musicalidade. A repetição do verso «aqui onde» ao longo do poema também acentua estes efeitos.

Gessica Correia Borges publicou numa antologia o poema «Diário de um golpe» (Borges 2021), anteriormente lançado no seu blogue pessoal em março de 2017:

*Aqui onde
A mulher preta tampa
O rosto, a cor, a alma
Com base branca
Onde são quatro
Os filhos da moça
Dois descalços
Dois sem touca
Na cinza manhã fria
O orelhão ainda é
Uma ponte pra Bahia
Aqui onde
Sente como uma mocinha!
Preto não sai da linha
Que a senhora tricota
Com o cerne entristecido
Aqui onde
O homem vende espetinho
Alheio aos direitos dos bichos
E dos humanos
O chicote estrala na viela
O soco cala a boca dela
Eles invadem
Sem mandado, sem sequela
E eu sou livre
Para cobiçar o pulo
Da plataforma de ferro acobreado
Aqui onde todo dia é 64
E nada está nos trilhos.*

A linguagem também utiliza alguns termos populares (orelhão⁵, espetinho, viela) e da cultura e identidade negras (a mulher preta, que é a antítese de branquitude e da masculinidade, o que impossibilita que seja vista como sujeito e o estereótipo «preto não sai da linha», condicionado pelo racismo e discriminação, o poder simbólico masculino e branco). A protagonista aqui é a própria mulher preta e todo o poema tem referências à sua condição interseccional de discriminação e de dupla subalternidade: a negritude, a pobreza, a identidade feminina numa sociedade, como já referimos, patriarcal e sujeita à dominação masculina e à visão do corpo colonial. Para além disso, a referência intertextual ao 64⁶, «aqui onde todo o dia é 64» denuncia a situação atual do Brasil de uma forma veemente, revelando os valores e as motivações antirracistas da poetisa. Há também uma denúncia das atividades policiais que «invadem sem mandado, sem seqüela», ao «chicote que estrala na viela» e ao soco que «cala a boca dela», constituindo-se como denúncias da vivência na periferia e nas favelas, onde a violência policial se faz sentir com mais intensidade, a pobreza e a miséria grassam, acentuando a discriminação e o racismo de que é alvo a mulher negra, duplamente subalterna.

Este poema é, assim, profundamente mais político e ativista do que «Revestimento» e bem mais característico da literatura marginal e periférica, como vimos anteriormente.

Em termos de análise imagológica, este poema apresenta uma imagem da mulher negra como representação de alteridade numa sociedade onde ainda é o homem branco que domina o poder. A sociedade brasileira e, também, a portuguesa, são, ainda, eivadas de traços de misoginia e racismo e, nesse sentido, a imagem literária desta mulher negra representa uma realidade comum a todas as mulheres negras e pobres. São poucas as mulheres negras que atingem o sucesso e nem mesmo essas estão a salvo dos preconceitos socialmente estabelecidos, lutando contra a impossibilidade de serem sujeitas e o poder simbólico de branquitude e masculinidade que as remete para o papel do subalterno, sujeito duplamente colocado nas margens, na periferia. A sensibilidade poética de Gessica Correia Borges expressa preocupação com esta manifestação de alteridade, denunciando os preconceitos e a discriminação e apelando a uma mudança de atitude, aliás em sintonia com as suas posições pessoais como ativista feminista e antirracista.

A protagonista é a Outra e, neste caso, o encontro com o homem assume manifestações violentas, como aquelas descritas no poema e correspondentes à violência policial nas favelas degradadas do Brasil. Esta imagem da mulher negra é, assim, adequada à realidade que representa e que a poetisa denuncia.

⁵ É o nome dado ao protetor dos telefones públicos brasileiros que ostenta esta forma.

⁶ O Golpe de Estado no Brasil em 1964 que instaurou a ditadura militar, derrotando o regime democrático e que foi até comemorado pelo presidente atual Jair Bolsonaro.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes dois poemas de Gessica Correia Borges podem ser enquadrados na literatura marginal ou periférica, não só porque são escritos por uma mulher negra, de condição subalterna, mas também pelos temas a que recorrem: a exclusão social, a periferia, a negritude, a violência policial, etc.

Os personagens retratados representam imagens de alteridade numa sociedade patriarcal ainda dominada pela misoginia e pelo racismo, que a poetisa não hesita em denunciar. Estas imagens são, assim, adequadas, infelizmente, à realidade de onde provêm, de uma sociedade brasileira impregnada de estereótipos raciais e desempoderadores das mulheres e das negras, em particular. Nesse sentido, podem ser integradas no ativismo político da poetisa feminista e antirracista.

Estando a obra literária de Gessica Correia Borges ainda no início, será pertinente prosseguir a sua investigação à medida que a mesma venha a ser desenvolvida com a riqueza literária e a importância ativista que a caracterizam até agora.

BIBLIOGRAFIA

- ARRAES, 2017. Poetas negras da literatura brasileira. *Portal Geledés* [Em linha]. 2017-07-28 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poetas-negras-da-literatura-brasileira/>.
- BEAUVOIR, Simone de, 1970. *O Segundo Sexo - Fatos e Mitos*. 4.ª edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- BORGES, Gessica Correia, 2021. Diário de um golpe. Em: *Poetas Negras Brasileiras uma Antologia*. 1.ª edição. São Paulo: Editora de Cultura Ltda, pp. 46-47.
- BORGES, Gessica Correia, 2017a. Diário de um golpe. Em: *Gessica com Gê* [Em linha]. 2017-03-05 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20170823013810/https://gessicacomge.com.br/category/poemas/>.
- BORGES, Gessica Correia, 2017b. Poemas. Em: *Gessica com Gê* [Em linha]. 2017-08-23 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20170823013810/https://gessicacomge.com.br/category/poemas/>.
- BORGES, Gessica Correia, 2016. Revestimento. Em: *Eu, escritor*. São Paulo: Quêlônio, vol. I, pp. 59-62.
- BORGES, Gessica Correia, 2015a. A Mosca. Em: *Livro da Tribo*. Natal: Editora da Tribo, p. 34.
- BORGES, Gessica Correia, 2015b. Luto. Em: *Livro da Tribo*. Natal: Editora da Tribo, p. 72.
- BOURDIEU, Pierre, 2002. *A Dominação Masculina*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Lda.
- BOURDIEU, Pierre, 1989. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL.
- BUTLER, Judith, 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BUTLER, Judith, 1993. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. Nova Iorque: Library of Congress.

- CARNEIRO, Vinícius Gonçalves, 2017. Reflexões quanto à literatura marginal brasileira: comparando Ferréz a sua tradição literária. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* [Em linha]. (50), 254–276 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40185017>.
- COLLINS, Patricia Hill, 2017. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo* [Em linha]. 5(1), 6–17 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559/506>.
- CRENSHAW, Kimberlé, 2002. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas* [Em linha]. 10(1), 171–188 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.
- CRENSHAW, Kimberlé, 1991. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stan. L. Rev.* 43(6), 1241-1299.
- Eu, escritor*. São Paulo: Quêlônio, 2016, vol. I.
- FLUP [A FESTA LITERÁRIA DAS PERIFERIAS], [2020]. *Home page* [Em linha] [consult. 2020-08-21]. Disponível em: <https://www.flup.net.br>.
- GOMES, Mariana Selister, 2013. O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação. *Dados* [Em linha]. 56(4), 867–900 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582013000400005>.
- KILOMBA, Grada, 2008. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag.
- KOTTHOFF, Helga, e Ruth WODAK, 1997. Preface. Em: Helga KOTTHOFF, e Ruth WODAK, ed. *Communicating gender in context*. Amesterdão; Filadélfia: John Benjamins, pp. vii–xxv. Pragmatics & Beyond New Series, 42.
- MENDES, Ana Paula Coutinho, 2005. Representação do Outro e Identidade: Um Estudo de Imagens na Narrativa de Viagem I – Imagologia Literária: Contornos Históricos e Princípios Metodológicos. *Cadernos de Literatura Comparada*. (1), 93–100.
- MOURA, Jean-Marc, 2012. Imagologie / Social images. Em: *DITL – Dictionnaire International des Termes Littéraires* [Em linha]. 2012-11-01 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: https://web.archive.org/web/20121101195835/http://www.flsh.unilim.fr:80/ditl/Fahey/IMAGOLOGIE-Socialimages_n.html.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do, 2006. Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.
- NEVES, Beatriz, 2023. Gessica Correia Borges e a (in)visibilidade das mulheres negras na media. *BANTUMEN* [Em linha]. 2023-11-28 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: <https://bantumen.com/gessica-correia-borges-entrevista/>.
- PADILLA, Beatriz, e Mariana Selister GOMES, 2016. Empoderamento, Interseccionalidade e Ciberativismo: Uma Análise do “Manifesto Contra o Preconceito às Mulheres Brasileiras em Portugal”. *Revista Tomo* [Em linha]. (18), 169-201 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i0.5425>.
- PAGEAUX, Daniel-Henri, 1995. Recherches sur l’imagologie : de l’Histoire culturelle à la Poétique. *Thélème*. *Thélème: Revista Complutense de Estudios Franceses*. (8), 135–160.

- RIBEIRO, Djamilia, 2015. *Simone de Beauvoir e Judith Butler: aproximações e distanciamentos e os critérios da ação política*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia.
- ROLDÃO, Cristina, et al., 2016. Afrodescendentes e oportunidades de acesso ao ensino superior. Em: *IX Congresso Português de Sociologia. Portugal, território de territórios*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, pp. 1-13 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/23138/1/conferenceobject_33146.pdf.
- SCHAEFER, Richard T., ed., 2008. *Encyclopedia of race, ethnicity, and society*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, vol. 1.
- SILVA, Anna Beatriz do Nascimento, 2018. O Impacto do Colorismo no Feminismo Negro do Brasil. *Humanidades em Perspectivas* [Em linha]. 4(2), 57-61 [consult. 2024-03-14]. Disponível em: <https://cadernosuninter.com/index.php/humanidades/article/view/749>.
- SIMÕES, Maria João, 2011. Cruzamentos teóricos da imagologia literária: imagotipos e imaginário. Em: Maria João SIMÕES, coord. *Imagotipos Literários: Processos de (Des)configuração na Imagologia Literária*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, pp. 9–53.
- SPIVAK, Gayatri, 1988. Can the Subaltern Speak? Em: Cary NELSON e Lawrence GROSSBERG, ed. *Marxism and the interpretation of culture*. Urbana: University of Illinois Press, pp. 271–313.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert, 2014. Produção literária feminina: um caso de literatura marginal. *ANTARES: Letras e Humanidades*. 2015-01-09. 6(12), 183–195.